

O Desenho (do fragmento): do registo, pela história à interpretação

Um ensaio sobre o *forum* de Évora (Portugal)

Mariana Martins de Carvalho¹

Arquiteta e investigadora colaboradora do CEAU-FAUP - Centro de Estudos de
Arquitectura e Urbanismo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

DOI: https://doi.org/10.14195/2182-844X_11_4

RESUMO

Esta investigação procurou, a partir do desenho, reconstituir um fragmento de cidade, segundo uma leitura transversal do vestígio, visando demonstrar um processo para chegar à hipótese. As estruturas arqueológicas de Évora foram o laboratório de ensaio deste processo, sobretudo do conjunto monumental, composto pelo *forum* romano. Um processo que passa pelo desenho rigoroso das estruturas, a partir do registo arqueológico e arquitetónico, pela valorização do estudo histórico do edifício e do espaço urbano onde as estruturas estão implantadas e pelo aventar de uma hipótese baseada em modelos clássicos. O resultado deste ensaio poderá ser, pois, o contributo da arquitetura para a arqueologia, no sentido de incrementar o conhecimento da cidade romana, sendo o desenho o meio singular de aproximação ao fragmento, por meio da sua evocação e materialização.

PALAVRAS CHAVE

Desenho; Reconstituição arqueológica; *Forum* romano; Évora.

ABSTRACT

Based on the drawing, this investigation sought to reconstruct a fragment of the city, according to a transversal reading of the trace, aiming to demonstrate a process to reach the hypothesis. The archaeological structures of *Évora* were the testing laboratory for this process, especially the monumental complex, composed of the Roman *forum*. A process that involves the rigorous representation of structures, based on archaeological and architectural records, the valorization of the historical study of the building and the urban space where these structures are located and the development of a hypothesis based on classical models. Therefore, the result of this essay could be the contribution of architecture to archaeology, in the sense of increasing knowledge of the Roman

1 ORCID iD: [0000-0003-0075-5000](https://orcid.org/0000-0003-0075-5000); msmcarvalho@arq.up.pt

city, with drawing being the singular means of approaching the fragment through its evocation and materialization.

KEYWORDS

Drawing; Archaeological Reconstitution; Roman Forum; Évora.

Esta investigação centrou-se no modo como o conhecimento da arquitetura e o instrumento do desenho poderiam contribuir para a análise e reconstituição do vestígio arqueológico, assumindo um olhar transdisciplinar que procurou fomentar o cruzamento entre várias áreas de conhecimento, desde a arquitetura, a história e a arqueologia. O desenho, trabalhado a diferentes níveis, foi a forma de comunicação da ruína e do fragmento, pois permitiu criar uma base de entendimento entre as diferentes áreas disciplinares. Pretendeu-se, deste modo, ensaiar uma metodologia que explorou diferentes tipos de representação, a partir do vestígio arqueológico, num diálogo simbiótico entre registo, interpretação e comunicação².

Um Ensaio sobre o *Forum* de Évora

Os vestígios arqueológicos de Évora foram o laboratório de ensaio deste estudo que ensajou, através do desenho, reconstituir um fragmento de cidade. Recorreu-se à estrutura arqueológica associada a um conjunto monumental – o *forum* romano da antiga *civitas Liberalitas Julia Eborae* (Évora), situado na província ocidental do Império Romano, no *Conventus Pacensis* (Portugal).

A estrutura conceptual deste trabalho compreendeu uma abordagem pontuada em três partes fundamentais: do registo, da história e da interpretação. Procedeu-se então ao registo deste testemunho, desta marca, do que existe, segui-

do da sua dimensão histórica, a partir de um processo de pesquisa, fundamentado pelas fontes para, depois, conseguir evocar uma imagem, uma interpretação do passado.

Este ensaio permitiu verificar todas as dificuldades associadas a um contexto urbano consolidado. Évora conserva importantes estruturas desde o período romano, passando pelo islâmico, medieval, moderno até à contemporaneidade. Como qualquer cidade histórica, é um palimpsesto de sucessivas camadas onde a memória da arquitetura do passado está impressa na configuração do traçado da cidade atual.

Do Registo

Para uma melhor compreensão do conjunto urbano e integração do vestígio foram desenhados, numa primeira fase, os levantamentos arquitetónicos dos edifícios atuais – em planta, corte e alçado – que, de algum modo, pudessem estar associados às estruturas romanas ou até mesmo ao seu traçado. Sobre este levantamento seguiu-se o reconhecimento dos desenhos das estruturas arqueológicas da cidade, recolhidos dos relatórios de escavação, e a transferência e redesenho de todos estes dados para o mesmo suporte, de forma a criar uma linguagem comum³. Os registos de escavação foram integrados na planta da cidade e organizados em quatro grandes conjuntos: termal, habitacional, defensivo e monumental, sendo este compreendido pelo *forum* e o mais estudado neste trabalho (Figura 1).

2 Este artigo resulta de uma investigação de doutoramento em arquitetura: CARVALHO, M. M. D., 2022. *Desenhar a Ruína: registo, interpretação e comunicação. O exemplo da cidade romana de Eborae*. Doutoramento, Universidade do Porto. Tese disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/144861>

3 Neste processo de recolha, realizado entre 2013 a 2018, foram digitalizados, analisados e interpretados mais de 250 relatórios de escavação depositados, na sua maioria, no Arquivo de Arqueologia Portuguesa, na antiga Direção Geral de Património Cultural (DGPC), em Lisboa, mas também no Centro de Documentação da antiga Direção Regional da Cultura do Alentejo (DRCAentejo), no Núcleo de Documentação e Departamento de Arqueologia do Convento dos Remédios da Câmara Municipal de Évora (CME) e no Arquivo da Fundação Eugénio de Almeida, para além destes foram consultados arquivos pessoais.



Figura 1. Évora: Conjunto Urbano.

Planta da cidade atual com a localização dos vestígios arqueológicos intramuros, possivelmente de época romana. I. Conjunto Monumental; II. Conjunto Termal; III. Conjunto Habitacional; IV. Conjunto defensivo.

Para além da planta foi realizado o levantamento dos perfis da cidade, integrando o desenho do corte e dos alçados dos edifícios existentes. Estes revelaram-se fundamentais para perceber a relação altimétrica entre as sondagens, como foi o caso das estruturas arqueológicas encontradas na cave do Museu de Évora, que mostraram que o

forum poderia também ter tido um criptopórtico a sul.

Compreendeu-se com este processo de registo que o levantamento arquitetónico (em planta, cortes e alçados) do edifício existente constitui, para além das fontes arqueológicas, outro suporte essencial à interpretação, pois permitiu a carto-

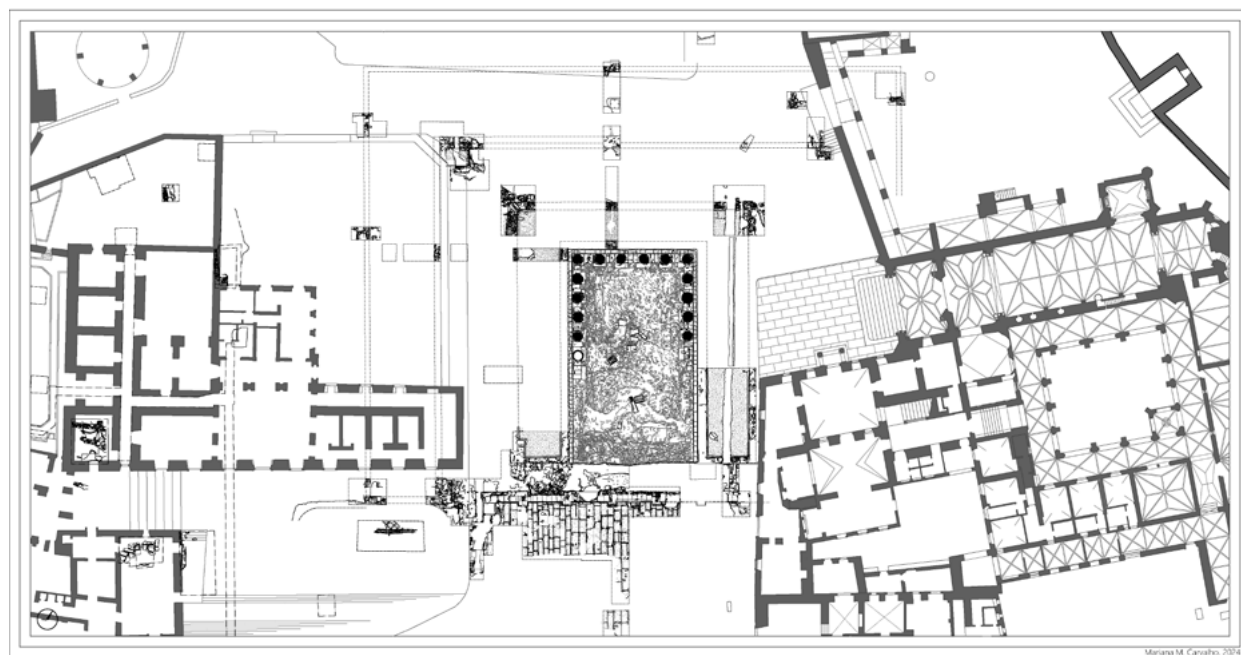


Figura 2. Évora: Conjunto Monumental, *Forum*.

Registo dos vestígios arqueológicos considerados de época romana associado à área sagrada do *forum*.

grafia do vestígio de uma forma mais integrada e articulada no conjunto urbano.

Entre 1986 a 1997, toda a zona envolvente ao templo romano foi alvo de uma grande campanha de escavação, promovida pelo Instituto Arqueológico Alemão. Esta foi dirigida pelo arquiteto/ arqueólogo Theodor Hauschild, com a colaboração do arquiteto Pedro Manuel Fialho de Sousa e do arqueólogo Felix Theichner.⁴ Nesta campanha verificou-se que quase todas as sondagens realizadas revelaram vestígios importantes para o traçado do *forum*, nomeadamente da área sagrada. Este facto não foi de todo um acaso, mas deveu-se à capacidade de pensar o espaço, protagonizada, particularmente, pelos arquitetos e arqueólogos que orientaram as escavações. Em contexto urbano, é necessária uma grande dose de intuição quando se decide implantar uma vala, pois toda a escavação vai ser um entrave à vida urbana atual. Há que saber conjugar todos estes interesses e trabalhar com o tempo, entre a gestão de benefícios e dificuldades (Figura 2).

E., 1996-1998⁵ e 2007-2008⁶ decorreram duas campanhas de escavação de acompanhamento da obra de reabilitação do Museu de Évora. Todo o interior do edifício foi escavado, e as sondagens expuseram estruturas importantes para a interpretação da praça do *forum*. Tendo em conta a diversidade de vestígios encontrados, sentiu-se a necessidade de rastrear cada sondagem por época. Deste modo, o desenho tornou-se num processo de aprendizagem, que implicou uma síntese histórica, de identificação e seleção das estruturas correspondentes a cada período. Foram encontrados vários vestígios de época moderna onde, para além de pavimentos, canalizações e muros se destaca uma fundação a sudoeste que aparentava ser uma torre

(Simão and Brazuna, 2007, p. 22). A nascente foi exumada uma importante necrópole medieval e, na base dessas sepulturas, foi descoberta a argamassa de assentamento das lajes do pavimento do *forum* romano, para além de dois fragmentos romanos de grandes dimensões, uma cornija e um capitel jónico, reaproveitados como material de construção das mesmas sepulturas (Gonçalves et al., 1996, p. 25). Relativamente aos vestígios de época islâmica foram descobertas as fundações de um conjunto habitacional. Os vestígios de época romana são particularmente significativos, uma vez que, para além dos vestígios de argamassa de assentamento das lajes, foi exumada uma grande canalização de drenagem das águas pluviais da praça do *forum* (Gonçalves et al., 1998, p. 10), (Simão and Brazuna, 2008b, p. 19). Também na cave do museu, foram descobertos muros que poderiam estar relacionados com fundações de possíveis dependências do *forum* (Figura 3).

Importa acrescentar que o reconhecimento também se realizou através da observação direta da ruína, tendo sido produzidos vários desenhos à vista do templo e dos fragmentos arquitetónicos.

Pela História

O templo, protagonista da evolução da cidade, surgiu nesta complexidade temporal, sendo sempre um lugar de destaque e de grande importância no conjunto urbano, nunca tendo abandonado o seu carácter público e de representatividade.

Para o estudo deste monumento foram analisados, entre outros, desenhos, gravuras, fotografias, descrições dos tombos da cidade e das *Memórias Paroquiais*⁷ Estas fontes permitiram realizar uma interpretação mais cuidada da configuração do edifício, desde o período em que fora utilizado

4 O resultado dos 'Trabalhos arqueológicos na zona envolvente do Templo romano de Évora' só viria a ser publicado em 2017: HAUSCHILD, T. & TEICHNER, F., 2017. *Der römische Tempel in Évora (Portugal) Bauaufnahme, Ausgrabung, Wertung*, Wiesbaden, Reichert.

5 Primeira campanha (1996-1997) a cargo da empresa *Arkhaios. Profissionais de Arqueologia e Paisagem, Lda*.

6 Segunda campanha (2007-2008) a cargo da empresa *ERA-Arqueologia, S. A.*

7 Em 1721 a Academia Real da História concebeu um questionário dirigido às autoridades eclesiásticas, provedores das comarcas e câmaras, com o intuito de recolher informações históricas sobre os vários lugares para posteriormente

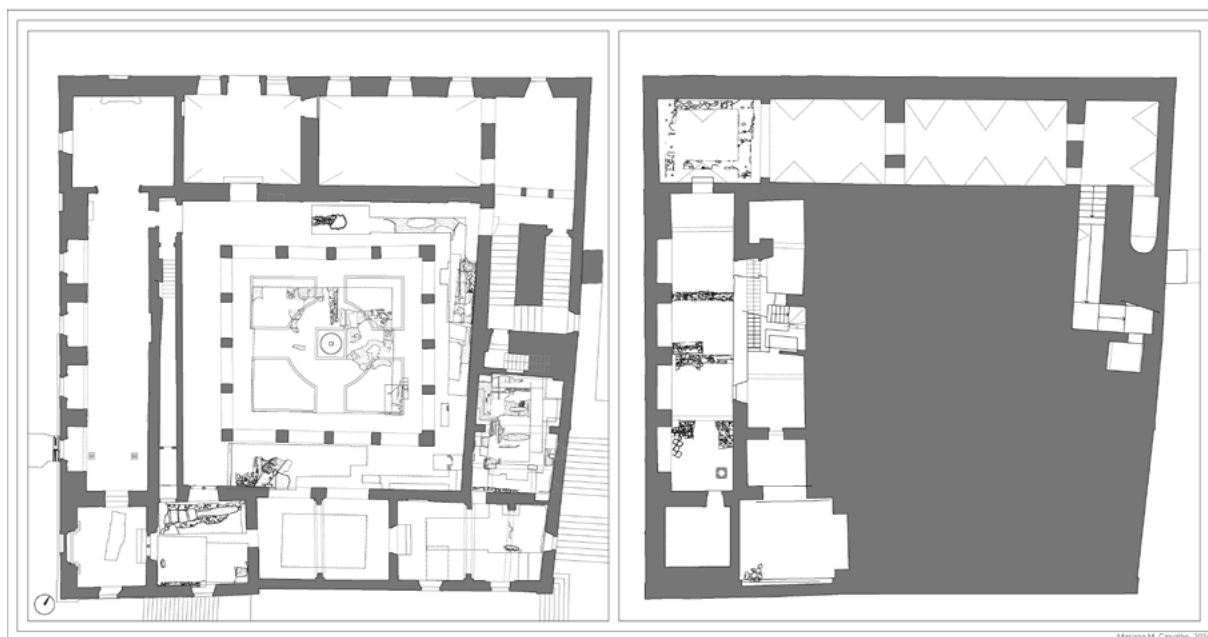


Figura 3. Évora: Conjunto Monumental, Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo
Área secular do forum com o levantamento dos vestígios arqueológicos de época romana encontrados no piso térreo e na cave do Museu.

como açougue até ao seu restauro, em meados do século XIX. Analisando estes dados desenvolveu-se então um levantamento ‘arqueológico’ dos alçados do Templo, numa tentativa de recuperar, através do desenho, a imagem do edifício medieval, anterior à sua desobstrução. Este exercício foi importante para se identificar certas ‘cicatrices’ que hoje o templo apresenta, e perceber a dimensão do restauro. Fazendo um exercício elementar de fotogrametria, distorceram-se as imagens sobre o alçado existente, conseguindo uma base para um desenho vetorial, mais rigoroso. Esta base foi fundamental para se realizar uma tentativa de desenho pedra-a-pedra, ainda que com algumas lacunas (Figura 4).

Para estes desenhos pedra-a-pedra tomou-se como referência o alçado de início do século XIX e fez-se um exercício de reconstituição da fachada norte, desde o século XV ao século XIX, período em que teria funcionado como açougue da cidade, ou seja, mercado da carne. No alçado norte do século XVI introduziu-se um pequeno campanário, pois sabe-se que foi construído em 1501⁸. Esta configuração, como se de uma torre tratasse, que “parece um grande cubelo isolado, com arcada alta e esguia” (Pereira, 1947 [1884-1894], p. 349), já era reconhecível na representação do templo do foral manuelino⁹. No entanto, não se sabe se toda a estilóbata do pódio seria limitada por muros ou se estes estavam contidos

escrever a “História eclesiástica e secular de Portugal e suas conquistas”. Com o terramoto de 1775 perderam-se os originais, escapando apenas os relativos a Coimbra conservados no Arquivo da Sé de Coimbra e, em 1917, transitaram para o Arquivo da Universidade. Em 1758 repetiu-se o inquérito estando este conservado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo: ALARCÃO, J. D., 2013. *Introdução ao Estudo da História e do Património Locais*, Coimbra, Faculdade de Letras/Departamento de História, Arqueologia e Artes/Secção de Arqueologia/Instituto de Arqueologia.

- 8 O sino de correr marcava a hora de fecho das portas da cidade. Esta obra foi autorizada por D. Manuel ao vereador Joane Mendes Cicioso: “tem quanto ao sino de correr parece-nos muy bem o que acerca disso nos disse Joane Mendes (...) e logo se compre e o ponha na torre do açougue como o dito Joane Mendes nos disse.” MANUEL, D. 1500. Autorização. *Livro III dos Originais*. Évora: Arquivo Distrital de Évora. transcrição de RIVARA, J. H. D. C. 1870. Coleção de treslados de documentos do Arquivo Municipal Eborense (1486 a 1500). Évora: Arquivo Distrital de Évora.
- 9 Esta representação aparece no anterrostro do Foral da Leitura Nova, de 1 de novembro de 1501, e está atribuída a Duarte de Armas, escudeiro de D. Manuel.

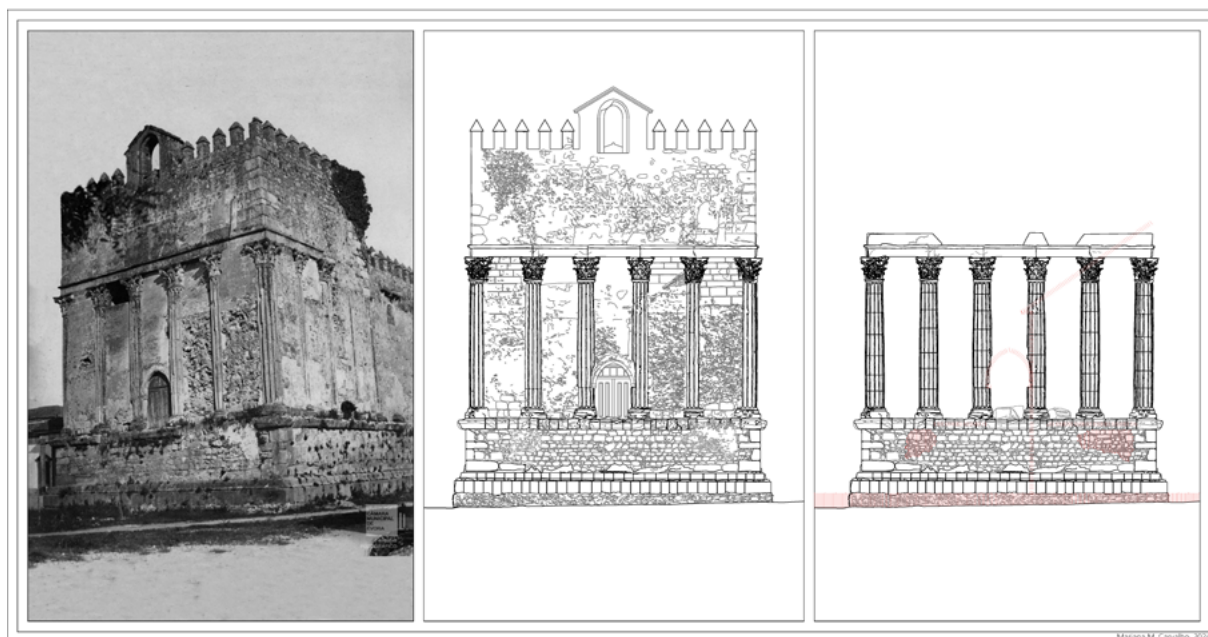


Figura 4. Évora: Açougues da Cidade.

Alçado Norte do Açougue, fotografia p/b, século XIX (© Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora). Alçado norte hipotético dos açougues no século XIX.
Alçado da ruína existente.

apenas à parte norte onde se implantavam as colunas. No alçado do século XVII, foi bem notória a invasão de um edifício sobre o templo e adivinha-se todo o desgaste que este corpo provocou. Analisando então as fontes iconográficas recorre-se à planta de Mateus de Couto, *Architecto das Inquisições do Reino*, relativa ao projeto para o Tribunal da Inquisição de Évora, de 1634 (Couto, 1634). Observando esta planta confirmou-se que toda a zona dos cárceres invadiu a parte nascente do templo romano, justificando assim os danos da fachada norte, sobretudo no capitel e fuste por onde passaria a cobertura do corpo dos cárceres. Observando o alçado atual são facilmente perceptíveis as marcas das sucessivas construções e demolições, enquanto o edifício funcionou como açougue. Conseguiu-se, agora, explicar a destruição das colunas, da cornija e do corpo do pódio. Estes desenhos tornaram-se instrumentos de trabalho para um exercício de interpretação do templo através dos alçados

e da planta desde o século XV até finais do século XIX (Figura 5).

No início da investigação a configuração do interior dos açougues, permanecia uma incógnita, até à descoberta dos desenhos do arquiteto Melchor de Prado y Mariño¹⁰, de 1798. O conjunto composto por sete lâminas de desenho rigoroso (plantas e cortes) e uma vista esboçada do templo¹¹ revelou-se de enorme importância, pois graças a este material foi possível estender a reconstituição do açougue dos alçados à planta. Para a reconstituição da planta do açougue utilizou-se como suporte a planta do século XIX e, a partir desta base, tentou-se integrar os dados dos levantamentos de Melchor de Prado.

Para além das fontes iconográficas, outros documentos foram considerados, sobretudo os tombos das demarcações, existentes no Arquivo Distrital e Municipal de Évora. Estas descrições,

¹⁰ Melchor de Prado y Mariño [1770-1834] foi o arquiteto que integrou a comitiva do geógrafo e académico José Cornide de Folgueira y Saavedra [1767-1851] na viagem a Portugal em 1798, e tinha como tarefa registar os monumentos visitados sobretudo as antiguidades de época romana (ABASCAL, J. M. & CEBRIÁN, R., 2009. *Los viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*, Madrid, Real Academia de la Historia.)

¹¹ Os desenhos de Melchor de Prado integram a coleção da *Real Academia de la Historia em Madrid* - PRADO Y MARIÑO, M. D., 1801. Señor D. Josef Cornide y Saavedra. Santiago: Real Academia de la Historia.

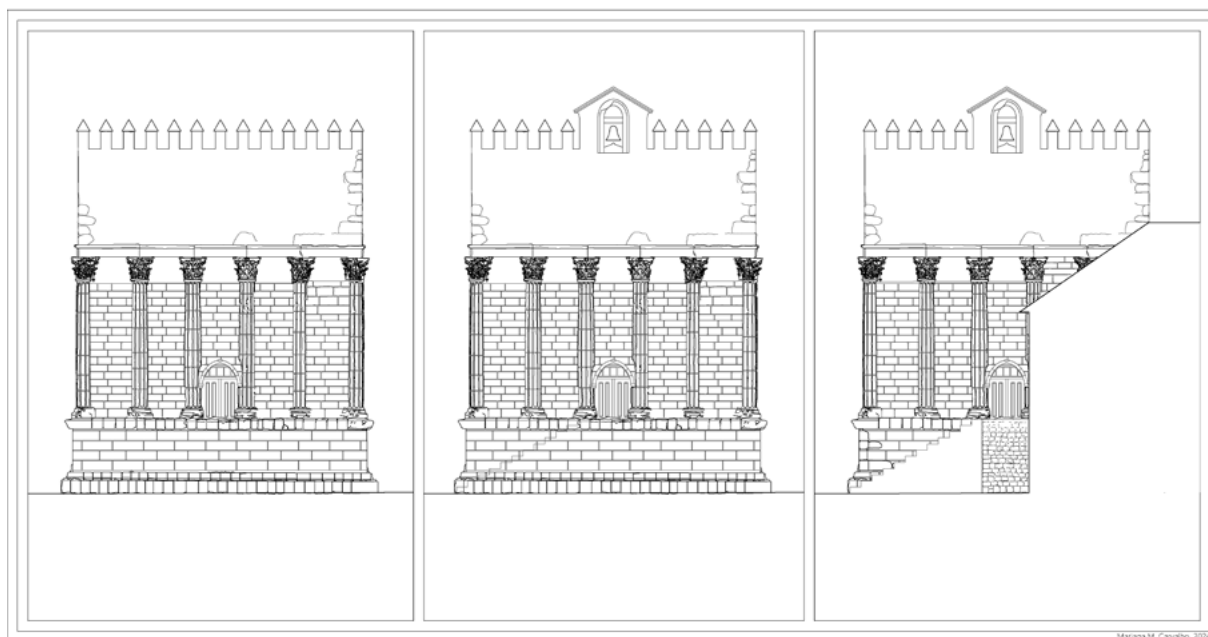


Figura 5. Évora. Açougues da Cidade.

Alçado poente hipotético dos açougues, no século XV, XVI e XVII, a partir de fontes arqueológicas, iconográficas e literárias.

apesar de detalhadas, revelam algumas dificuldades de interpretação, pelo que se tornou fundamental o confronto com o desenho para verificar as medidas enunciadas.

Cruzando então a planta dos açougues com a detalhada descrição do tombo das demarcações¹², de 1651, esta surge agora com muito mais clareza. Observando o desenho foi possível identificar e localizar as valências descritas no tombo deste os *dez Talhos*, a *Casa dos Oficiais do Real da Água* e as *Balanças do Peso Real da Água*. Esta reconstituição valida igualmente todas as medidas descritas no tombo (Figura 6).

Para além do tratamento do alçado norte este método estendeu-se ao alçado poente, recorrendo ao levantamento fotogramétrico do templo¹³, de 2011, e sobre estas imagens realizou-se um desenho pedra-a-pedra. Ao conceber este registo tornou-se evidente uma ligeira

diferença de estereotomia nas pedras de revestimento do pódio, percebe-se que do lado direito esta é um pouco mais irregular e de menor dimensão. Este exercício de desenho, juntamente com as fotografias anteriores ao restauro, permitiu verificar que os muros do pódio do lado nascente e poente foram reconstituídos de forma quase impercetível até ao alçado sul, ou seja até ao limite dos silhares da base do pódio. Apenas os silhares da base do pódio são originais, tal como a cornija que termina sensivelmente onde começa o restauro do soco. Deste modo, a leitura que se tem hoje do limite sul do templo foi criada pelo restauro. Constatou-se que as pedras para reconstrução destes muros foram reaproveitadas, como foi exemplo do bloco, a poente, com uma gravação de um possível tabuleiro de jogo¹⁴. Relativamente aos vestígios de argamassa romana do pódio, estes

12 1651. Medição e demarcação dos Asougues das carnes da cidade. *Tombo (municipal) das demarcações*. Évora: Arquivo Distrital de Évora.

13 Levantamento por varrimento laser disponível em: RAMOS, G., C. H. & A., P., 2011. Relatório de Inspeção. Templo Romano da Acrópole de Évora. Santiago do Cacém: 3DTotal.

14 Agradece-se ao Arqueólogo Panagiotis Sarantopoulos a generosidade da partilha desta curiosidade. Sobre este achado, consultar o artigo de FERNANDES, L. & SILVA, J. N., 2014. The Roman Temple of Évora. In: FRAZÃO, F., MORAIS, G., FERNANDES, L. & SILVA, J. N. (eds.) *Curiosities of Évora. Legends, History, Archeology and Board Games*. Évora: Apenas Livros Lda..

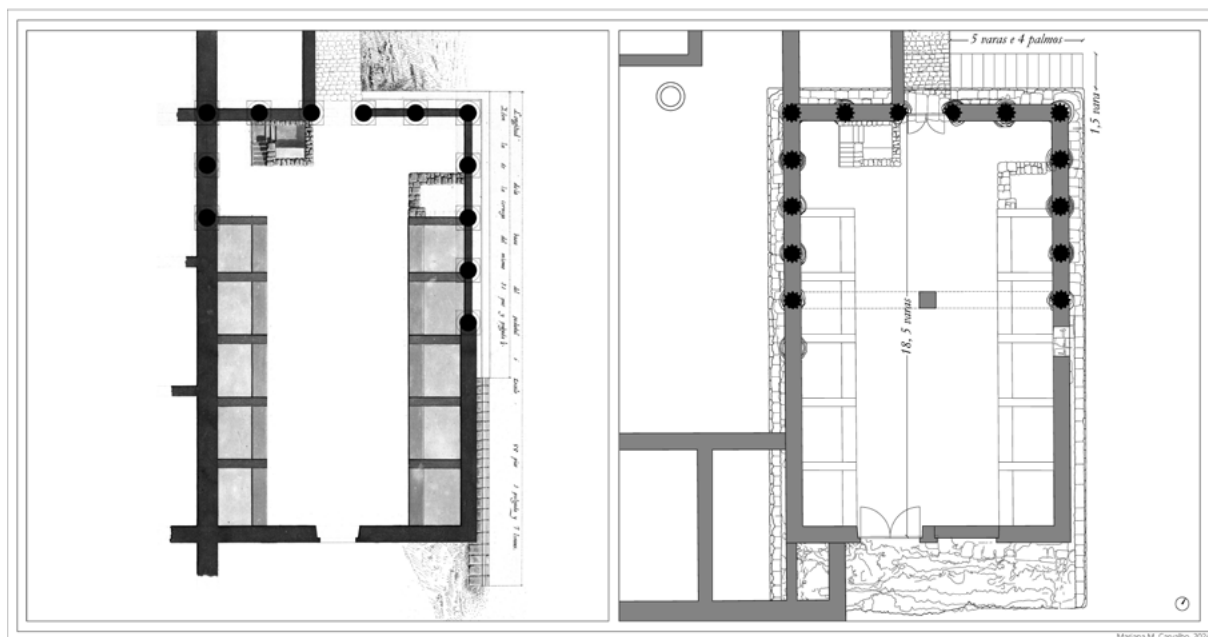


Figura 6. Évora: Açougues da Cidade.

(esquerda) “*Planta del Templo de Evora conforme al presente se halla*”, desenho sobre papel, Melchor de Prado, 1798 (© Real Academia de la Historia, Madrid)

(direita) Planta hipotética dos açougues, no século XVIII, a partir de fontes arqueológicas, iconográficas e literárias.

ainda são visíveis no encontro dos silhares da base com o soco (Figura 7).

Não se sabe até que ponto os vestígios do templo foram destruídos na operação de restauro. Mas percebe-se que, para além da remoção de elementos, também fora acrescentada matéria. Assim, esta operação não consistiu apenas

no retirar das paredes que se sobrepunham aos elementos da época romana.

À Interpretação

Para a realização de uma interpretação foi necessária uma observação atenta e integrada dos vesti-

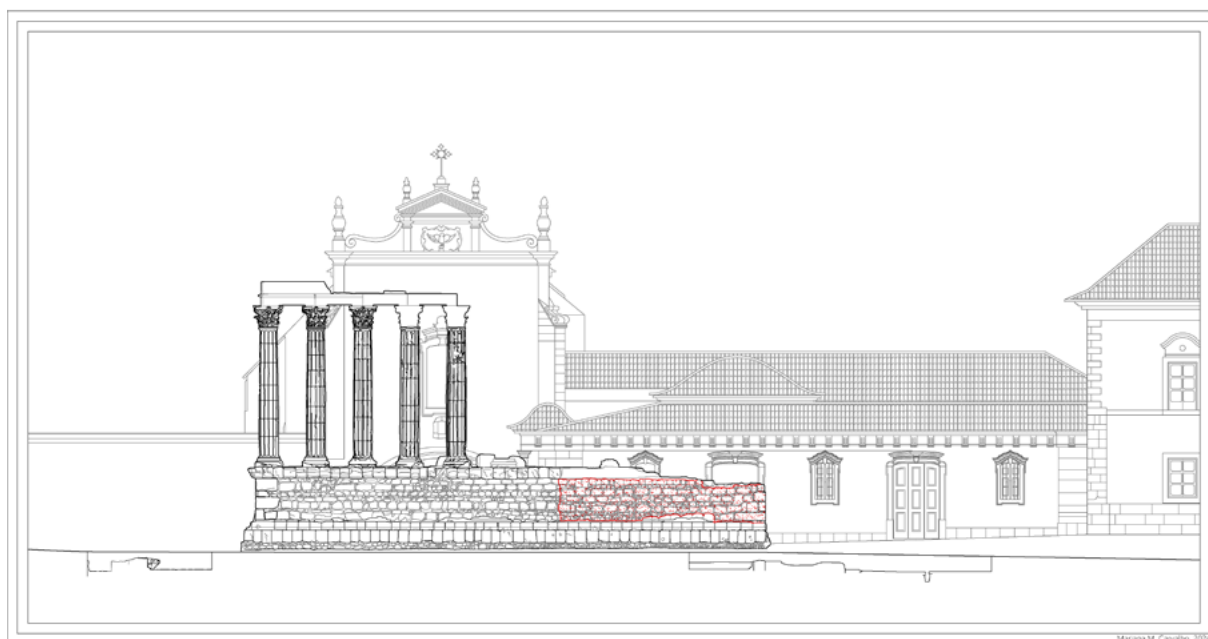


Figura 7. Évora: Conjunto Monumental, Templo.

Alçado poente do Templo com o levantamento dos vestígios arqueológicos e indicação dos muros reconstituídos, no século XIX, depois do restauro.

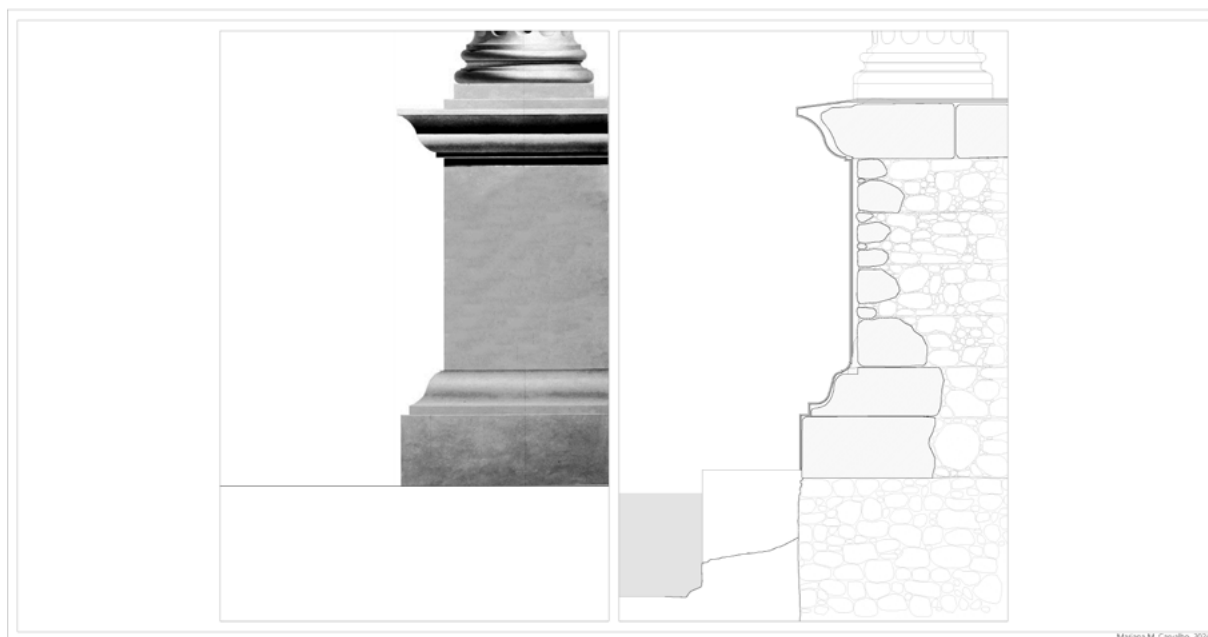


Figura 8. Évora Conjunto Monumental, Templo.

(esquerda) “*Basa de las columnas del templo de Evora con su zocalo o pedestal*”, Desenho a aparo e aguada sobre papel, Melchor de Prado, 1798-1801 (© Real Academia de la Historia, Madrid)

(direita) Hipótese de reconstituição do perfil do pódio, século I d. C.

gios, das suas marcas visíveis, para se perceber a sua metodologia construtiva. E foi neste processo que se procurou uma análise dos vestígios arqueológicos, baseada na prática do desenho e no pensamento de projeto em arquitetura. Um pensamento que assentou no conhecimento do lugar, da topografia, da tectónica e das referências

similares, mas também, na capacidade de imaginar o vazio. Foi essencial pensar na contribuição da arquitetura, e a sua capacidade de questionar, interpretar e pensar as soluções do ponto de vista compositivo e técnico. Uma leitura que se regeu por um raciocínio hipotético-dedutivo, de lançamento de hipóteses.

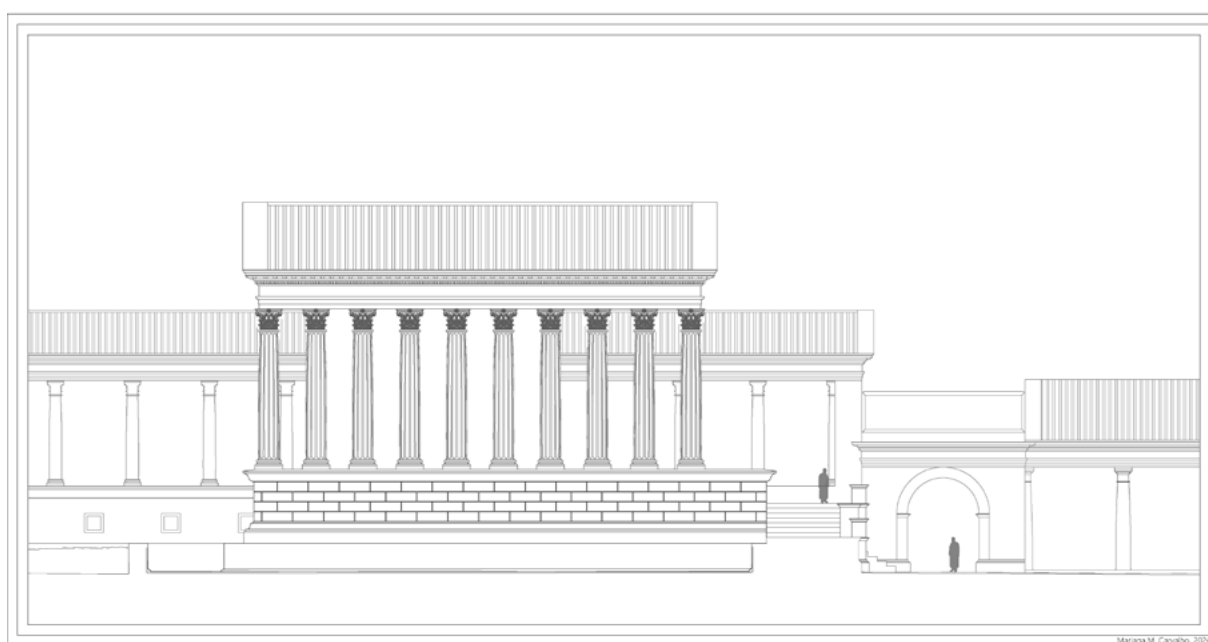


Figura 9. Évora: Conjunto Monumental, Templo.

Proposta de reconstituição do alçado poente do templo, no século I d.C.

Neste sentido, avançou-se para uma hipótese de reconstituição do templo romano, citando novamente as fontes históricas, recorrendo-se ao desenho de reconstituição do pódio do templo de Melchor de Prado. Assim, tendo o levantamento do existente como base: o corte transversal do pódio, com a indicação dos vestígios do tanque, procedeu-se à reconstituição do seu perfil. No desenho pódio existente sobrepos-se uma camada de *opus signinum* da qual ainda existem vestígios; esta argamassa, mais espessa, serviria para regularizar e impermeabilizar todo o aparelho do corpo e prolongar-se-ia pelas molduras da base. Projetou-se essa mesma camada até ao silhar da cornija, e verificou-se que este ainda apresenta vestígios de um entalhe, que previa esse encontro. Como acabamento sobrepõem-se, à argamassa, duas camadas de *opus albarium* que revestiriam a totalidade do pódio. Deste modo, foi possível redesenhar o pódio definindo as arestas e as curvaturas das molduras (Figura 8).

Outro dado importante sobre o templo, foi mais uma vez retirado do desenho à vista de Melchor de Prado, onde o pódio aparece representado um revestimento que, apesar do seu estado de degra-

dação, mimetiza uma pedra aparelhada de grandes dimensões. Esta solução construtiva parecia evocar um desenho mais antigo de revestimento que poderia ter sido aplicado na época romana, no corpo do pódio. Desta forma, este acabamento fingido de um aparelho regular com quatro fiadas, foi ensaiado nos alçados de reconstituição do templo (Figura 9). Esta linguagem é bastante comum e pode ser observada ainda hoje na cidade, como acontece na Torre do Palácio de Cadaval, junto ao templo.

Relativamente à reconstituição da coluna do templo desenhou-se uma base ática sobre os vestígios existentes, talhada segundo os princípios enunciados por Vitruvius. No fuste ensaiou-se um revestimento com cerca de dois *digitus* de espessura. O aumento do diâmetro da coluna, com a introdução da argamassa, trouxe dados importantes na composição métrica deste elemento. Assim, se medirmos a altura da coluna segundo o diâmetro medido em tosco, esta não chega aos 9 diâmetros; no entanto, se considerarmos a espessura da argamassa, na medida do diâmetro, esta mede exatamente oito diâmetros. A relação entre o diâmetro medido pelo imoscapo e a altura da coluna só se verificou depois

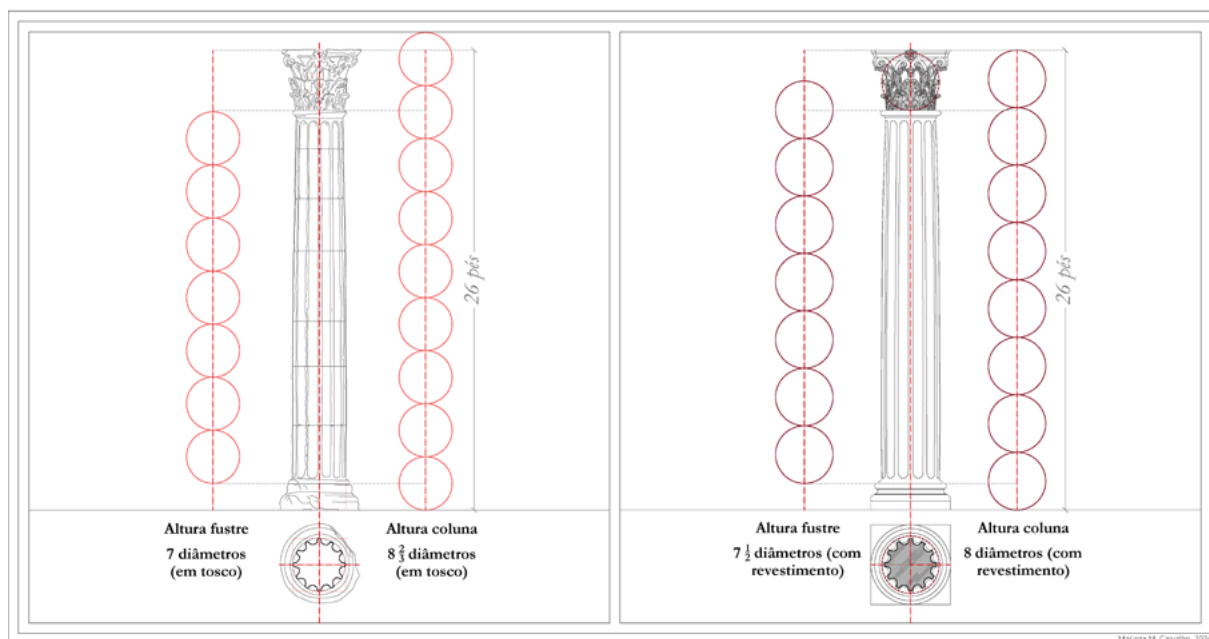


Figura 10. Évora: Conjunto Monumental, Templo. Planta e alçado da coluna do templo existente – Reconstituição da planta e do alçado da coluna do templo, no século I d.C.

de considerado o acabamento final. Este dado tornou-se importante porque revelou o detalhe do projeto de arquitetura e o conhecimento dos modelos vigentes (Figura 10).

No entablamento o exercício de interpretação foi mais conjectural. Para além da arquitrave e do friso, não existem mais evidências do epistílio. Assim, foi realizada uma reconstituição com base nos modelos semelhantes e na tratadística. Recuperou-se os preceitos de Vitrúvio e desenhou-se as faixas da arquitrave, no friso não se considerou a decoração, mas apenas a *cyma* que a remataria. Relativamente à cornija, considerando outros exemplos como a *Maison Carré*, foi realizada uma hipótese com alguma decoração em concordância, com a erudição transmitida pelos capiteis coríntios do templo.

Estendendo a interpretação à área sagrada identificaram-se os vestígios do tanque e também os acessos ao templo. Delineou-se a configuração do tanque, a pendente de cada troço, assim como possíveis entradas e saídas da água que, segundo os vestígios arqueológicos, foi possível determinar.

Para a reconstituição das escadas de acesso ao pódio recorreu-se aos exemplos da Hispânia e às recomendações de Vitrúvio. Segundo a

tratadística, cada lanço de escadas (de aproximação ao templo) deveria ter um número ímpar de degraus. Ensaiou-se então uma hipótese com duas escadas laterais, de sete alturas. A configuração da escada traçou uma plataforma corredor que acompanhava perfeitamente o alinhamento dos muros limite do tanque. Esta proposta apoiou-se nas reconstituições do *forum* de *Conimbriga* (Alarcão et al., 1977), onde apresentava uma plataforma semelhante (Figura 11).

A partir de um bloco de granito de secção quadrada, encontrado no meio do criptopórtico, e outro achado de natureza idêntica, descobertos durante as escavações de Theodor Hauschild, foi possível apontar uma configuração do pórtico que envolvia o *temenos*. A partir destes conseguiu-se traçar uma métrica e distribuir os pilares pelo corpo central e braços laterais, conformando o desenho de reconstituição das galerias do criptopórtico, a norte, em planta (Figura 12).

A reconstituição da altura do criptopórtico será sempre especulativa, pois não existem evidências de como seria a cobertura. Procurou-se, de alguma forma, encontrar uma proporção aproximada segundo modelos idênticos, como, por exemplo,

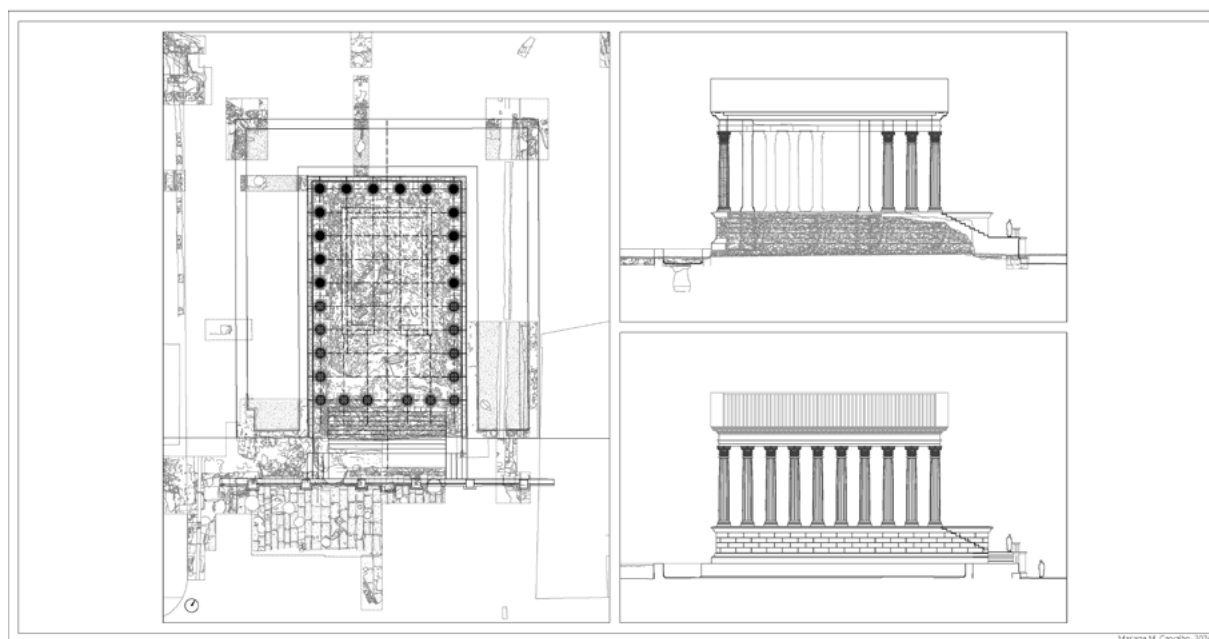


Figura 11. Évora. Conjunto Monumental, Templo. Planta, corte e alçado poente com uma hipótese de reconstituição do templo. Ensaio com dez colunas sobre os vestígios existentes.

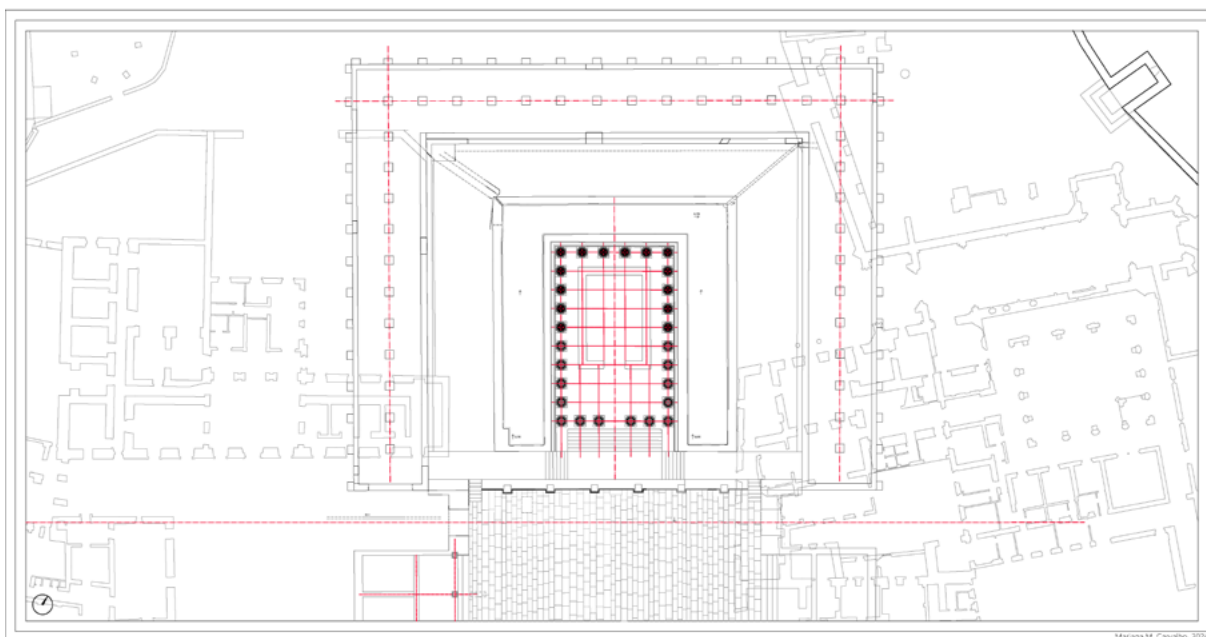


Figura 12. Évora. Conjunto Monumental, *Forum*.
Planta de interpretação dos vestígios arqueológicos de época romana.

o de *Conimbriga*. Ambos têm sensivelmente a mesma largura, além disso estão implantados num lugar, onde não existe uma grande necessidade de contenção de terras. Deste modo, ensaiou-se um desenho semelhante, sem abóbadas e um piso provavelmente em estrutura de madeira.

Relativamente ao alçado do muro de pilstras, que elevava a zona sagrada, sabia-se

como seria o arranque e, pelas linhas de referência gravadas nos silhares superiores, foi possível apontar um desenho das molduras do soco, este perfil prolongar-se-ia até à cota da tribuna, e remataria com uma moldura (Figura 13). Importa referir, neste caso, a importância do desenho vinculado à prática da construção, o desenho era igualmente um

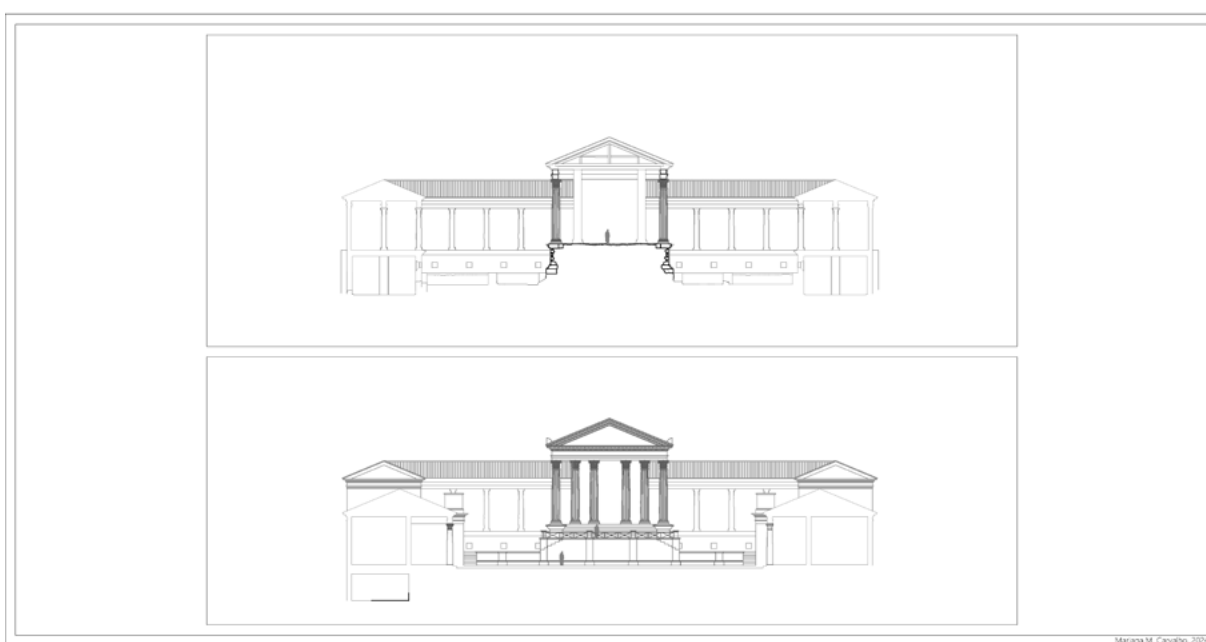


Figura 13. Conjunto Monumental, *Forum*.
Proposta de reconstituição dos perfis transversais do *forum*, sobre perfis atuais da cidade.

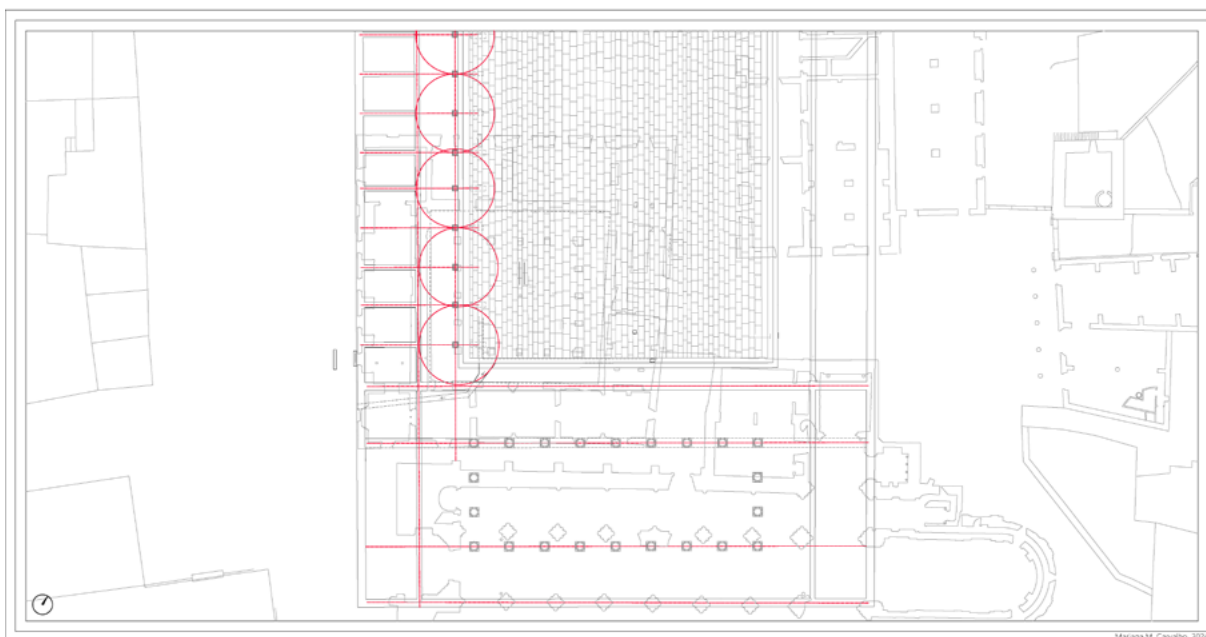


Figura 14. Évora. Conjunto Monumental, Forum.

Planta de interpretação dos vestígios arqueológicos de época romana. Traçado hipotético do pórtico da praça e Basílica.

instrumento de construção, um método de projeto em obra.

Como referido, os muros de época romana, escavados na ala oeste da cave do Museu de Évora, apresentavam um evidente paralelismo entre si e uma métrica regular, logo, foi possível interpretar e associar estas estruturas às dependências dos espaços do *forum* e relacioná-las com o pórtico. Relativamente ao pórtico da praça do *forum* existiam muito poucos indícios, apesar disso, partiu-se para uma reconstituição apoiada nos muros encontrados no interior do museu. Traçando o eixo dos muros distribuiu-se uma série de colunas, com o mesmo afastamento e conseguiu-se encontrar uma métrica regular para o pórtico. Esta seria uma métrica de vão, de cerca de 16 passos (~ 4,75m), bastante utilizada em vários fora da Hispânia, tais como Ampúrias, *Clunia* e *Conimbriga*, no período augustano. Este traçado do pórtico, apesar de hipotético, encontrase perfeitamente alinhado com as fundações do

muro romano a norte que atravessaria a canalização de escoamento das águas pluviais da praça, encontrado durante as obras do Museu.

A interpretação da configuração da praça do *forum* tratou-se apenas uma hipótese, as medidas ainda não foram possíveis de comprovar arqueologicamente com toda a segurança; mas rondaria os 35m de largura e o 60m de comprimento, quase dois *actus* romanos (Figura 14).

Neste estudo, foi igualmente realizada uma análise dos fragmentos arquitetónicos que poderiam integrar o programa arquitetónico do conjunto monumental. Foram considerados os seguintes fragmentos: uma arquitrave em mármore, existente no Museu mas de origem desconhecida, um capitel toscano (Simão and Brazuna, 2008a, p. 16) e um capitel jónico (Gonçalves et al., 1996, p. 25), estes encontrados nas escavações do Museu. O fragmento de arquitrave¹⁵ foi integrado no pórtico envolvente ao templo, o capitel toscano¹⁶ foi integrado na reconstituição

15 Arquitrave: Coleção Museu de Évora [ME 5051], ficha de inventário: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=18117>

16 Capitel Toscano: Coleção Museu de Évora [ME 4402], ficha de inventário: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=34014>

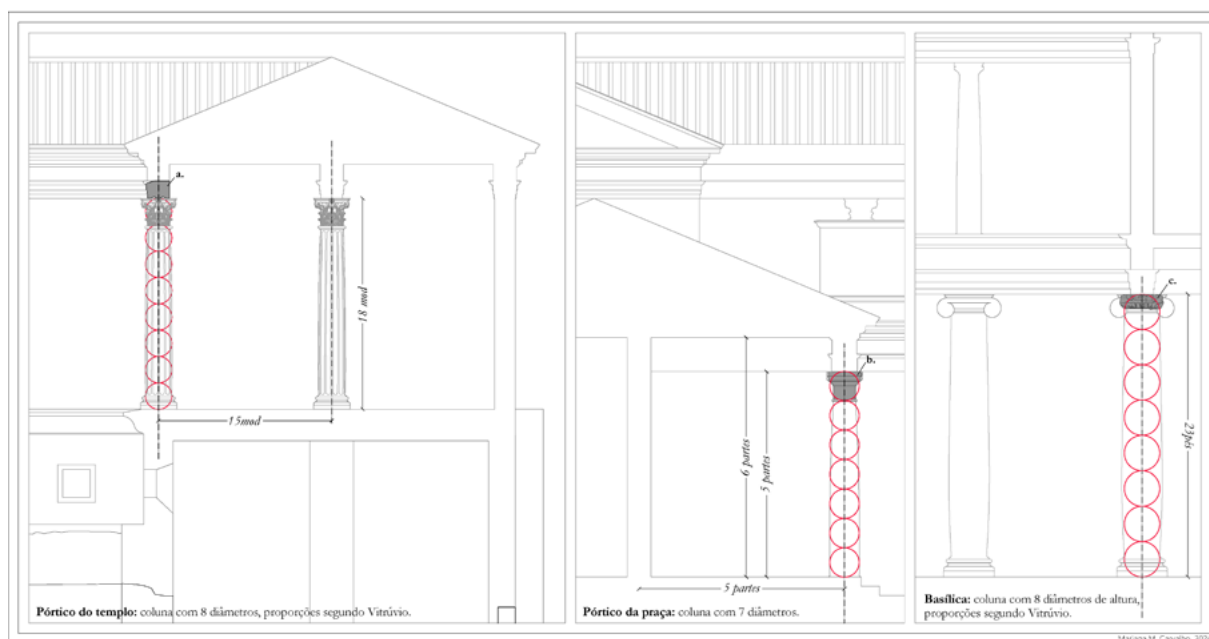


Figura 15. Évora: Conjunto Monumental, *Forum*.

Tentativa de integração dos fragmentos arquitetónicos existentes no museu de Évora: a) Arquitrave, b) Capitel toscano; c) Capitel jónico.

do pórtico da praça e o jónico¹⁷ numa eventual basílica. Considerando a disposição dos capiteis jónicos, ensaiou-se uma tentativa de reconstituição do capitel integrado na coluna da eventual Basílica do *Forum*, desenhou-se uma coluna de 8 diâmetros, de 23 pés. Segundo Vitruvius, a altura da coluna deveria ser igual à largura da nave lateral da Basílica. Assim, foi testada essa disposição e verificou-se que os 23 pés (6,80m) relativos à altura da coluna coincidem perfeitamente com a largura da ala sul do Museu, onde foram encontrados vestígios de fundações de muros de época romana (Figura 15). Pensando então numa possível reconstituição, considerou-se o muro limite do Museu coincidente com o eixo das colunas do pórtico da basílica. Assimilando estes dados e tendo como referência a Basílica de *Fano*, proje-

tada por Vitruvius¹⁸, propôs-se um desenho de basílica muito simplificado mas que se enquadra nas proposições do traçado do *forum*. Importa referir que esta tentativa de configuração de uma possível basílica foi um exercício conjectural, com poucos dados arqueológicos. Este ensaio poderá servir como um desafio a novas investigações (Figura 16).

Segundo esta metodologia de identificação e análise dos vestígios, a partir do desenho, elaboraram-se hipóteses e ensaiou-se uma tipologia de fórum tripartido¹⁹, compreendido por três espaços: a norte a zona sagrada, o centro religioso, implantada a uma cota superior; a sul a praça porticada e a Basílica a rematar o lado menor, comportariam o núcleo administrativo, jurídico e comercial deste equipamento coletivo (Figura 17).

17 Capitel Jónico: Coleção Museu de Évora [ME 18345], ficha de inventário: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=33995>

18 Vitruvius (V, I, 4.), VITRÚVIO, 2009. *Tratado de Arquitectura*, Lisboa, IST Press.

19 “Mais on rencontre dès le début du Haut Empire et tout au long des deux premiers siècles de notre ère de nombreux exemples de forums tripartites à ordonnance axiale ou proche de l’axialité, où la basilique sur l’un des petits côtés répond au temple majeur de la cité (Capitole ou édifice du culte impérial) : citons, pour l’époque augustéenne et julio-claudienne, les forums de Forum Segusiavorum (Feurs), Lugdunum Convenarum (Saint-Bertrand-de-Comminges), Colonia Julia Equestris (Nyon) et Lousonna (Vidy) en Gaule romaine, de Baelo Claudia (Belo) et Clunia en Bétique et en Tarraconaise, de Lepcis Magna (le forum vetus) (...)» GROS, P., 2011. *L’Architecture Romaine: début du IIIe siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire*, Paris, Picard.

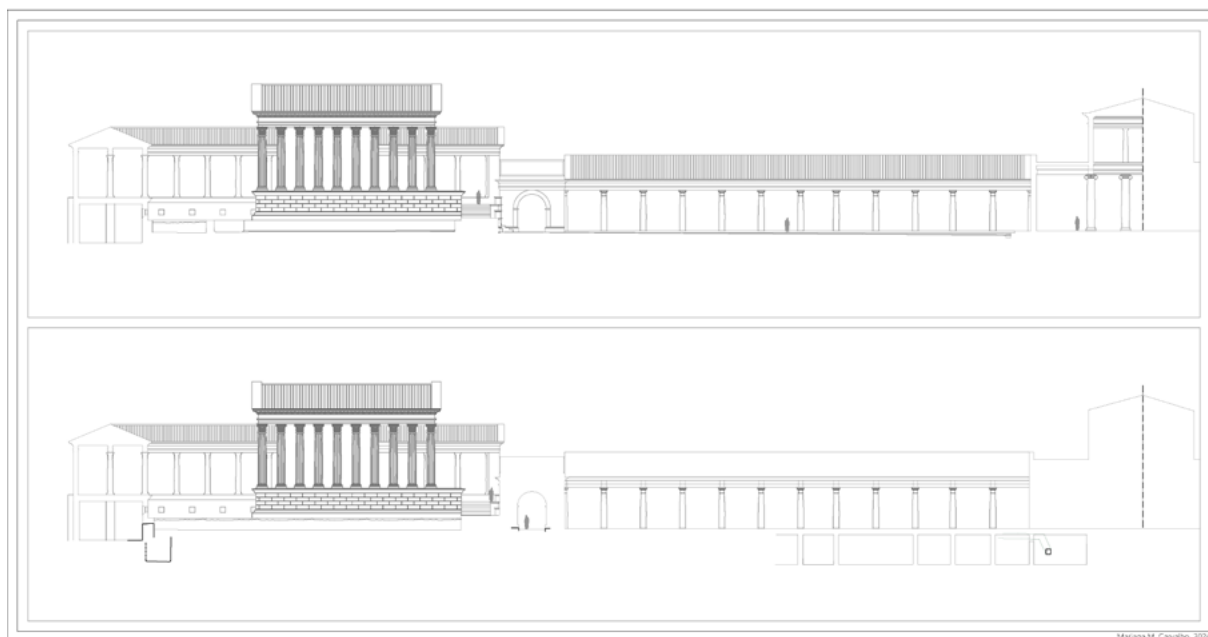


Figura 16. Évora. Conjunto Monumental. *Forum*.
Proposta de reconstituição dos perfis longitudinais do *forum*.

A interpretação do *forum* sustentou-se evidentemente no conhecimento da arquitetura clássica, nos seus modelos, sobretudo os das províncias da Hispânia, que também foram visitados, estudados e desenhados neste estudo. O reconhecimento dos vestígios *in loco* potenciou um conhecimento muito mais integrado na relação com a paisagem e no conhecimento do lugar e da sua história.

Relativamente aos acessos ao *forum*, a partir dos vestígios da calçada romana, encontrados a poente do *forum*, foi possível interpretar uma via com cerca de 5m de largura. Pelas marcas do assentamento de coluna, encontradas junto à calçada, desenhou-se um apontamento de pórtico e traçou-se a via no sentido norte-sul que atravessaria a porta da muralha (arco de D. Isabel).

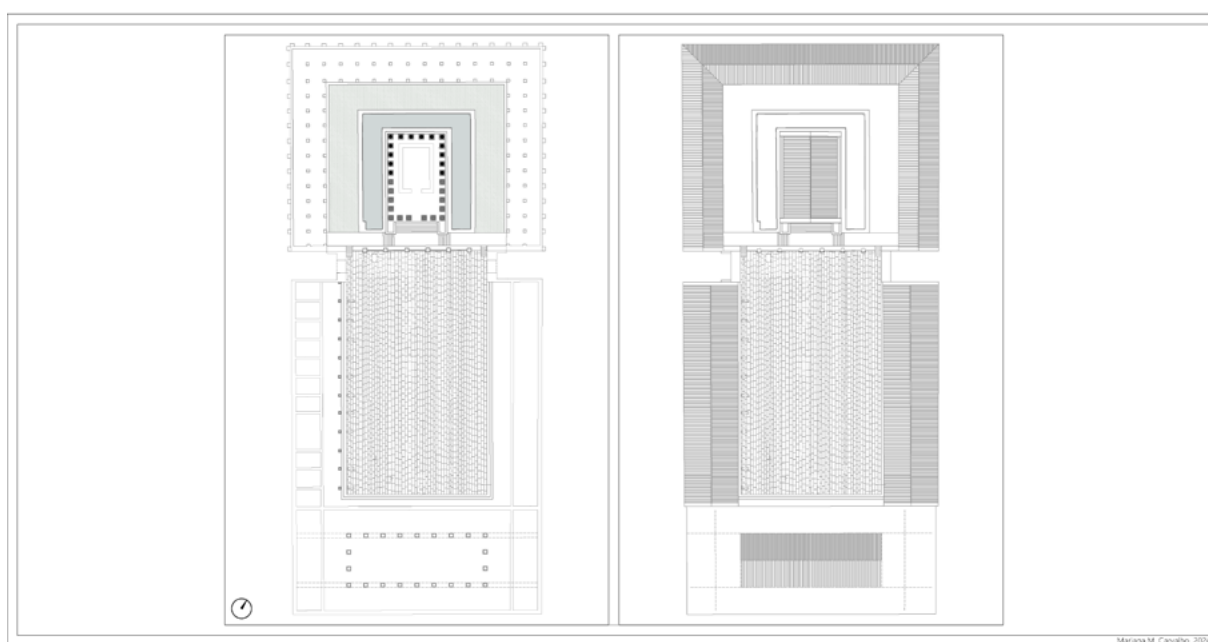


Figura 17. Évora: Conjunto Monumental, *Forum*.
Ensaio de reconstituição da planta do piso térreo e cobertura do *forum*.

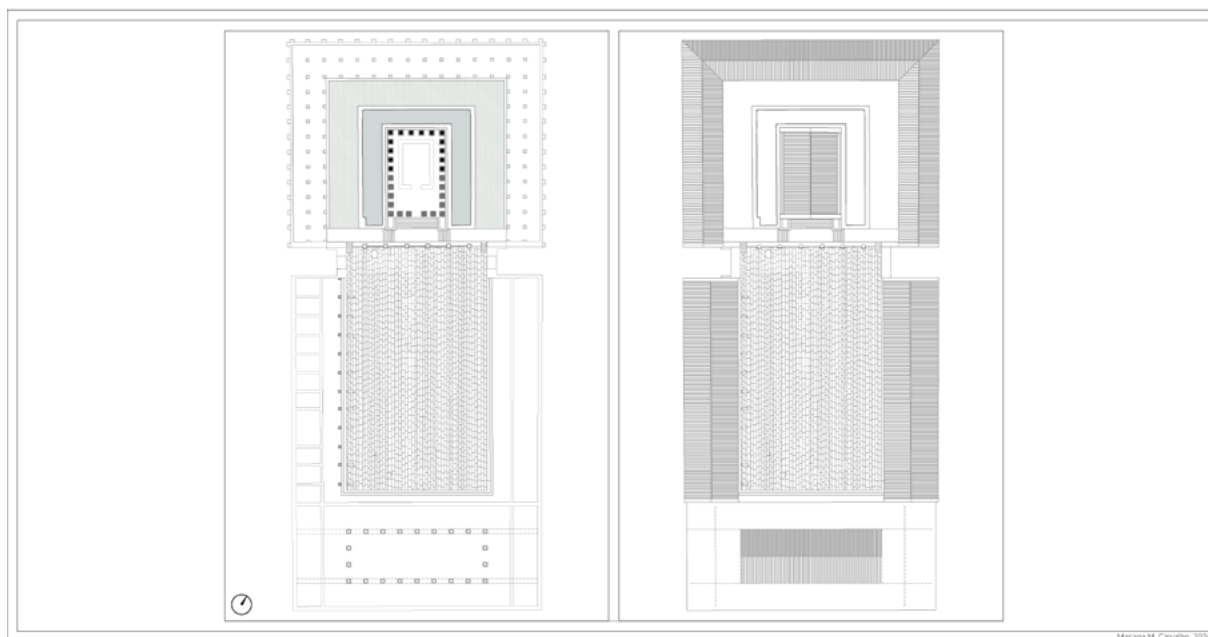


Figura 18. Évora: Conjunto Urbano.

Ensaio sobre planta da cidade atual com esquema de traçado hipotético da cidade romana no período tardo-imperial.

Com este eixo desenhado realizou-se um apontamento de ínsula quadrangular com cerca de 40m de lado.

Este método não se esgota de forma nenhuma neste conjunto monumental; os desenhos de registo dos conjuntos termal, habitacional e defensivo poderiam trazer novas interpretações e estudos.

Depositando todos estes dados sobre a mesma planta percebeu-se que Évora poderia ter sido projetada segundo um traçado hipodâmico regular, com as ressalvas que a topografia terá exigido. A par do *forum* e das termas foram certamente edificados outros equipamentos públicos, tais como o teatro. Em relação à muralha augustana desconhece-se a sua existência. Em contrapartida, a muralha tardia é conhecida sendo possível fazer a reconstituição de quase todo o seu perímetro (Figura 18).

Este ensaio traduziu-se, assim, num documento/ desenho que visou uma melhor compreensão sobre a forma como se desenha, analisa, documenta, visualiza, imagina e comunica o vestígio reconstruído na cidade histórica. Sendo este documento/ desenho suporte de entendimento para vários intervenientes no património arque-

ológico, pretendeu-se abrir caminhos para um estudo mais aprofundado da cidade.

Por fim, importa sublinhar que a leitura do fragmento do passado, que aqui se reclamou, é essencial na formação da identidade da cidade contemporânea, no modo com ela é continuamente percebida, habitada e transformada. O interesse científico, social e turístico que a ruína transmite poderá reforçar uma atuação sobre a capacidade que o património arqueológico tem de gerar desenvolvimento, numa perspetiva de integração e de valorização das estruturas arqueológicas. É necessário assegurar a compreensão, integração e valorização das estruturas arqueológicas da cidade, salvaguardando a sua conservação e comunicação, de modo a que a fruição possa ser esclarecedora e simultaneamente didática para todos os públicos.

Bibliografia

1651. Medição e demarcação dos Asougues das carnes da cidade. *Tombo (municipal) das demarcações*. Évora: Arquivo Distrital de Évora.
- ABASCAL, J. M. & CEBRIÁN, R., 2009. *Los viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*, Madrid, Real Academia de la Historia.
- ALARCÃO, J. D., 2013. *Introdução ao Estudo da História e do Património Locais*, Coimbra, Faculdade de Letras/Departamento de História, Arqueologia e Artes/Secção de Arqueologia/ Instituto de Arqueologia.
- ALARCÃO, J. D., ETIENNE, R., GOLVIN, J.-C., SCHREYECK, J. & MONTURET, R., 1977. *Fouilles de Conimbriga*, Paris, Diffusion E. de Boccard.
- CARVALHO, M. M. D., 2022. *Desenhar a Ruína: registo, interpretação e comunicação. O exemplo da cidade romana de Eborac*. Doutoramento, Universidade do Porto.
- COUTO, M. D., 1634. *Livro das plantas e monteas de todas as fábricas das inquisições deste reino e índia, ordenado por mandado do illustríssimo e reverendíssimo senhor dom francisco de castro, bispo inquisidor geral e do conselho de estado de sua majestade*, Lisboa, Tribunal do Santo Ofício.
- FERNANDES, L. & SILVA, J. N., 2014. The Roman Temple of Evora. In: FRAZÃO, F., MORAIS, G., FERNANDES, L. & SILVA, J. N. (eds.) *Curiosities of Evora. Legends, History, Archeology and Board Games*. Évora: Apenas Livros Lda.
- GONÇALVES, A., HAUSCHILD, T., TEICHNER, F., SANTOS, A. L. & UMBELINO, C., 1996. Relatório dos Trabalhos Realizados. Intervenção Arqueológica no Museu de Évora. Évora: Arkhaios. Profissionais de Arqueologia e Paisagem, Lda.
- GONÇALVES, A., HAUSCHILD, T., TEICHNER, F., SANTOS, A. L. & UMBELINO, C., 1998. Relatório dos Trabalhos Realizados. Intervenção Arqueológica no Museu de Évora (2ª Fase - 1997). Évora: Arkhaios. Profissionais de Arqueologia e Paisagem, Lda.
- GROS, P., 2011. *L'Architecture Romaine: début du IIIe siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire*, Paris, Picard.
- HAUSCHILD, T. & TEICHNER, F., 2017. *Der römische Tempel in Évora (Portugal) Bauaufnahme, Ausgrabung, Wertung*, Wiesbaden, Reichert.
- MANUEL, D., 1500. Autorização. *Livro III dos Originaes*. Évora: Arquivo Distrital de Évora.
- PEREIRA, G., 194., [1884-1894]. *Estudos Eborenses*, Évora, Edições Nazareth.
- PRADO Y MARIÑO, M. D., 1801. Señor D. Josef Cornide y Saavedra. Santiago: Real Academia de la História.
- RAMOS, G., C, H. & A., P., 2011. Relatório de Inspeção. Templo Romano da Acrópole de Évora. Santiago do Cacém: 3DTotal.
- RIVARA, J. H. D. C., 1870. Coleção de treslados de documentos do Arquivo Municipal Eborense (1486 a 1500). Évora: Arquivo Distrital de Évora.
- SIMÃO, I. & BRAZUNA, S., 2007. Relatório Intercalar dos Trabalhos Arqueológicos “Remodelação e Valorização do Museu de Évora”. Cruz Quebrada-Dafundo: ERA-Arqueologia, S. A.
- SIMÃO, I. & BRAZUNA, S., 2008a. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos “Remodelação e Valorização do Museu de Évora” Acompanhamento. Cruz Quebrada-Dafundo: ERA-Arqueologia, S. A.
- SIMÃO, I. & BRAZUNA, S., 2008b. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos “Remodelação e Valorização do Museu de Évora” Zona B/C. Cruz Quebrada-Dafundo: ERA-Arqueologia, S. A.
- VITRÚVI., 2009. *Tratado de Arquitectura*, Lisboa, IST Press.